

mundo da INCLUSÃO

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

www.murdodainclusao.com.br
Ano 6 - nº 53 R\$ 7,90 € 3,70

EDUCAÇÃO PARA surdos

Mitos e verdades sobre deficiência auditiva e métodos para serem aplicados em sala de aula que facilitam o aprendizado

TECNOLOGIA NA ESCOLA!

Alunos aprendem a usar impressora 3D e criam prótese para professor



MINUANO

NOV/DEZ
2016

53
9 772238 978000

Obesidade infantil

Síndrome de Prader-Willi é uma das causas genéticas mais comuns deste problema

Escola para todos

As possibilidades e os desafios da abordagem bilíngue na educação inclusiva

Muito mais!

Sites, blogs, livros, filme, culinária e muitas atividades que vão turbinar suas aulas

EDUCAÇÃO PARA SURDOS

Família deve ficar atenta aos sinais da surdez e, após o diagnóstico, a inclusão comunicacional por meio da Libras deve ser prioridade

Por: Letícia Leite / Foto: Arquivo pessoal e Rio Branco



A surdez consiste na diminuição da audição, ou seja, da capacidade de escutar e entender o que as pessoas falam. Pode acontecer em diversos graus, do leve ao profundo, que é aquele que não se escuta nada. Pode ser adquirida em qualquer idade, desde o nascimento à idade adulta, e é basicamente classificada em dois tipos: de condução, que se origina no ouvido externo ou médio e neurosensorial, que se origina essencialmente no ouvido interno.

Identificar a surdez em uma criança nem sempre é uma tarefa fácil, tudo depende da sua faixa etária e do seu tipo de perda auditiva. Segundo Sabine Vergamini, fonoaudióloga pós-graduada em psicopedagogia, no caso dos bebês, por exemplo, espera-se que eles tenham reflexos córneos palpebrais, ou seja, que eles pisquem os olhos quando ouvem algum barulho, como um trovão ou fogos de artifício, e uma criança que não ouve, conseqüentemente, não reage a esses ruídos. Hoje já é possível diagnosticar a surdez através do teste da orelhinha, feito ainda na maternidade, mas apesar de ser obrigatório, nem sempre é realizado.

Ainda segundo Sabine, que é diretora do Centro de Educação para Surdos Rio Branco (CES), a surdez da criança também pode passar despercebida. "Quando a criança tem uma perda auditiva moderada, por exemplo, ela ouve alguns sons e a família, às vezes, não consegue perceber a surdez, principalmente se é o primeiro filho, pois não há uma comparação com as reações de outras crianças."

Quando é descoberto que uma criança possui deficiência auditiva, uma das principais dúvidas dos seus

responsáveis é sobre como ela será educada. Atualmente no Brasil há muitas escolas especializadas na educação de crianças surdas, que as preparam para se comunicarem a partir da Língua Brasileira de Sinais (Libras), da escrita e em alguns casos da forma oral. Nas escolas públicas já é obrigatória a presença de um intérprete de Libras nas salas de aula para auxiliar essas crianças, para que elas aprendam de forma igualitária todo o conteúdo que é ministrado aos alunos ouvintes.

Ao identificar a surdez, a criança precisa ser inserida em um ambiente linguístico que favoreça o seu desenvolvimento, pois seu canal privilegiado é o visual, é a partir dele que ela consegue receber todas as informações do mundo.

"Normalmente as pessoas falam que ao ficar exposta à língua de sinais, a criança vai ficar preguiçosa e não vai falar, e isso não é verdade. Há muitas pesquisas que comprovam que as crianças surdas conseguem se desenvolver como uma criança ouvinte desde que ela seja estimulada adequadamente, e para isso devemos privilegiar o canal visual", diz Sabine.



Implante coclear, utilizar ou não?

O Implante Coclear é um dispositivo eletrônico, implantado cirurgicamente na orelha, que tem a função de estimular o nervo auditivo e recriar as sensações sonoras. Entretanto, antes de partir para este método, algumas questões devem ser levadas em consideração, como diz Sabine Vergamini. "Costumamos dizer que a cirurgia de implante coclear é como a digital, é diferente de pessoa pra pessoa. Claro que sabemos que o quanto antes a criança colocar o ouvido biônico, o prognóstico é melhor, só que tem crianças que são operadas precocemente e não têm um bom resultado. Brinco que o implante coclear não é pastel, que você coloca ali e sai pronto do outro lado. A criança tem que fazer a ativação, depois ela fará um acompanhamento com a fonoaudióloga pra fazer um mapeamento, e esse processo é longo, então não é só a cirurgia, é um processo que requer muito investimento."

ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

Em Suzano, município da grande São Paulo, há o trabalho de Atendimento Educacional Especializado (AEE) nas escolas da prefeitura, comandado pelos agentes especiais de educação, que ajudam os professores a ministrarem o mesmo conteúdo dos alunos ouvintes às crianças surdas, diferenciando apenas algumas atividades de acordo com as necessidades do aluno.

Há cinco anos os alunos com surdez passaram a usufruir do projeto na cidade, no qual estudam no processo de inclusão na turma regular e duas vezes na semana frequentam a sala de recursos. Dentre as atividades está a aula em Libras, fortalecendo a educação bilíngue e a interação em grupo, para o reconhecimento e valorização da língua. Atualmente são 25 alunos em processo de inclusão, todos filhos de ouvintes, e a turma mais nova é composta por alunos de dois anos de idade.

“Trabalhamos um conteúdo a cada dia, fazemos diversas atividades para eles entenderem como funciona a Libras e para estimular a comunicação. Fazemos um acompanhamento até os alunos perceberem que podem usar um sinal para se comunicarem, pois às vezes eles são tão independentes que não sentem a necessidade de se comunicar. É um longo processo até que eles entendam o que é a linguagem de sinais e aos pouquinhos vão incorporando nas suas

vidas”, diz a Agente Especial de Educação Ariane Polizel.

O projeto também compreende ações para educadores e para a família das crianças surdas, como roda de conversa com especialistas e curso de Libras. Na última reunião, Ariane ministrou uma palestra em parceria com outros profissionais ensinando o ‘Método das Boquinhas’, técnica individual de alfabetização fônica no qual o aluno surdo observa a posição da boca e a relaciona com a letra escrita, servindo de apoio para a leitura labial.

A agente especial de educação deixa um alerta aos pais: “A sociedade é muito ouvinte, e estar incluído nesse universo é muito importante, porém, as crianças surdas precisam receber uma atenção maior, os pais devem ser participativos, principalmente na faixa etária dos dois anos, que é quando as crianças estão passando por grandes descobertas.”



MEU FILHO É SURDO, E AGORA?

Gerusa Gomes é mãe de Guilherme, que foi diagnosticado como surdo há apenas três anos. Ela conta que no início foi difícil identificar a deficiência de seu filho. “Os pediatras diziam que o seu atraso na fala era normal, mas a gente achava estranho porque batia porta, colocava o som e ele não escutava. Já nas primeiras semanas de aula ele começou a dar um pouquinho de trabalho, ficava agitado na classe. Fui chamada várias vezes na escola, e apesar de já terem perguntado se o Guilherme possuía alguma dificuldade, eu não sabia, e dizia que não. Fui instruída pela diretora da escola à fazer alguns exames até que foi descoberto que ele era surdo.”

A partir daí Gerusa conta que foi instruída a procurar um ensino auxiliar para seu filho, assim, o menino, que está com nove anos, passou a frequentar o AEE na sua cidade, em Suzano, onde aprende Libras. Nos encontros promovidos pela educadora do projeto, sua mãe também aprendeu a linguagem de sinais para conseguir se comunicar melhor com o filho e educá-lo em casa. Atualmente Guilherme está na 3ª série e em processo de alfabetização.

“Acompanhei esse projeto por um mês, lá nos explicaram o que é uma criança surda e como posso entender o potencial que ela tem. Depois desse acompanhamento especial percebi muita evolução no Guilherme, hoje ele é uma criança totalmente diferente do que era antes, era uma criança totalmente acanhada, não falava nada, era como se ele fosse mudo. Hoje ele tem duas opções, a fala em libras e oral, pois ele também é acompanhado por uma fonoaudióloga”, finaliza Gerusa.

CENTRO DE EDUCAÇÃO PARA SURDOS RIO BRANCO

Com duas unidades, uma em Higienópolis, na cidade de São Paulo, e outra em Cotia, cidade da grande São Paulo, o Centro de Educação para Surdos Rio Branco atua desde o diagnóstico da surdez até a inclusão da criança em classes regulares a partir do 6º ano, depois de estarem com a identidade surda formada e fortalecida, no colégio Rio Branco, acompanhada por intérprete.

A primeira etapa de trabalho é com crianças de zero a três anos, ensinando suas famílias, que na maior parte são ouvintes, como estimular adequadamente essa criança com situações do cotidiano. Obrigatoriamente pelo menos um membro da família deve aprender a língua de sinais, pois o que o aluno aprende na escola deve ser multiplicado em casa.

“Não seguimos um roteiro pré-estabelecido, temos um grupo com o qual vamos trabalhando as dúvidas dos familiares, e é importante ser um grupo, porque eles não se sentem únicos no mundo, acolhemos essas famílias, trabalhamos em parceria e desde o primeiro momento os pais aprendem a língua de sinais para se comunicarem com essa criança”, diz Sabine, diretora do Centro de Educação para Surdos Rio Branco.

A partir da educação infantil a criança passa a frequentar a escola em meio período, e ela não pode esperar para receber informação do mundo, por isso defende-se a proposta de educação bilíngue, na qual ela vai adquirir a língua de sinais como a primeira língua e aprender o português escrito como segunda.

Tudo o que acontece na escola, que é um ambiente linguístico favorável para essa criança, é em Libras. Em termos de currículo, as crianças surdas



aprendem as mesmas coisas que as crianças ouvintes, há aulas de linguagem, de matemática, de raciocínio lógico, aprendem a escrever o próprio nome e o nome dos colegas entre outras palavras.

No Centro de Educação há professores surdos e professores ouvintes, todos são fluentes na língua de sinais. Ter profissionais surdos neste ambiente é muito importante, pois eles se tornam referência para o aluno e, além disso, têm um papel fundamental para os pais, que quando descobrem que têm um filho surdo pensam nas suas perspectivas de futuro, e ao verem esses professores surdos que são independentes, que estudaram, que mantêm uma casa, eles começam a entender que seu filho simplesmente pertence a uma minoria cultural, linguística, que ele é respeitado nas suas necessidades e é uma pessoa capaz como qualquer outra.

“Há casais surdos que querem ter filhos surdos, pois quando o filho é ouvinte eles têm que aprender a ser pais de ouvintes, é uma outra perspectiva, e nosso trabalho é muito forte nesse sentido. Além do conteúdo curricular que a gente tem que passar e é fundamental, temos que trabalhar fortemente essa questão da identidade surda”, conclui Sabine.

SURDEZ NA UNIVERSIDADE

A fundação de rotarianos comprou a causa educação de surdos há 39 anos. Nas Faculdades Integradas Rio Branco, os alunos surdos também são recebidos. “Os universitários possuem intérpretes nas salas de aula, e também há o centro profissionalizante, onde é feito todo o trabalho de profissionalização de surdos. As aulas são ministradas em línguas de sinais e também há a preocupação de orientar as empresas, porque não é só eu formar esse surdo para ingressar no mercado de trabalho, mas essas pessoas que vão receber esse surdo também”, explica Sabine.